

Educação especial e alfabetização: Problematização dos estudos sobre alfabetização com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Special Education and literacy: Problematic aspects of literacy studies with children who have Autism Spectrum Disorder (ASD)

Ewerton Brendo de Sousa Lopes
Universidade Federal do Pará
Abaetetuba-Brasil

Olidete de Araújo
Universidade Federal do Pará
Cametá-Brasil

Rafaele Habib Souza Aquime
Universidade Federal do Pará
Abaetetuba-Brasil

Resumo

O estudo objetiva problematizar o que dizem os estudos acerca do trabalho de alfabetização com crianças com autismo. Nesta pesquisa, utilizou-se a abordagem qualitativa. Os dados foram obtidos através de pesquisas em sites, artigos científicos, entre outros; selecionados a partir do tema alfabetização e autismo. Neste estudo, empregamos autores, como DSM-5 (2014), Cunha (2017), Soares (2020), etc. Para análise dos dados, foi aplicada a técnica de análise de conteúdo na concepção de Bardin (2016). Os resultados apontam que é preciso que o educador possua uma formação qualificada na área e invista em educação permanente. Outro ponto relevante são as metodologias lúdicas, como: recursos visuais, estímulos táteis, musicalização, dentre outros, na alfabetização de estudantes com TEA.

Palavras-chave: Aprendizagem; Leitura e escrita; Transtorno do Espectro Autista; Educação Especial e Inclusiva.

Abstract

The study aims to question what studies say about literacy work with children with autism. In this research, a qualitative approach was used. The data were obtained through searches on websites, scientific articles, among others; selected from the theme of literacy and autism. In this study, we employed authors, such as DSM-5 (2014), Cunha (2017), Soares (2020), etc. For data analysis, the content analysis technique was applied according to Bardin's (2016) framework. The results indicate that it is necessary for the educator to have a qualified training in the area and invest in permanent education. Another relevant point is the playful methodologies, such as: visual resources, tactile stimuli, musicalization, among others, in the literacy of students with ASD.

Keywords: Learning; Reading and writing; Autism Spectrum Disorder; Special and Inclusive Education.

Introdução

Nas últimas décadas, é notável a presença de estudantes atendidos pela educação especial em turmas regulares. Deste modo, as escolas precisaram se adequar e pensar na melhor forma de receber e atender a esses estudantes. Nesse contexto, é necessário promover um ambiente acolhedor para todas as crianças, sejam elas com ou sem deficiência. Tratando-se de alunos público da Educação Especial (PAEE), é crucial que a escola possua profissionais especializados em educação especial para o manejo de práticas pedagógicas condizentes com as necessidades e particularidades desses sujeitos.

A educação especial faz parte do sistema educacional, que deve oferecer condições para que os alunos com deficiência, transtorno global de desenvolvimento, altas habilidades ou superdotação tenham acesso, participação e aprendizagem nos mesmos espaços que os demais em todos os níveis e modalidades de ensino (Reis; Wagner, 2024).

Atualmente, é notório o aumento de crianças com deficiência matriculadas em classe regular da educação básica. De acordo com o Censo Escolar (2023), houve aumento na porcentagem de crianças com deficiência matriculadas em classe regular da educação básica no Brasil, saindo de 87,2% em 2019 para 91,3% em 2023. Na região Norte, especificamente nas escolas municipais, a porcentagem de alunos com deficiência matriculados em classe comum é de 98,2% (Censo Escolar, 2023). Neste cenário de aumento de matrículas, estão inseridas as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O TEA é caracterizados “[...] por padrões restritos e repetitivos de comportamentos [...] manifestados por atividades motoras ou verbais estereotipadas ou comportamentos sensoriais incomuns [...]” (Cunha, 2014, p. 13). O sujeito com TEA pode apresentar outras características: não manter contato visual por mais de dois segundos; não atender a chamados; alinhar objetos; hipersensibilidade ou hiper-reatividade sensorial; isolamento ou não demonstrar interesse de estar em contato com outras crianças; manter-se condicionado em demasia a rotinas a ponto de entrar em crise; entre outras características (Paiva Junior, 2022a).

“Alguns sinais de autismo já podem aparecer a partir de um ano e meio de idade, e mesmo antes, em casos mais graves” (Paiva Junior, 2022a, p. 8). Deste modo, é muito importante buscar acompanhamento profissional o mais cedo possível ao suspeitar de algum problema de saúde, mesmo que ainda não haja um diagnóstico definitivo. Reis e Wagner

(2024, p. 22), afirmam que “O diagnóstico correto, e ainda na infância, possibilita intervenções para superar dificuldades, permitindo a realização de um trabalho eficaz que respeita as características individuais de cada pessoa”.

A inclusão de crianças autistas na educação básica é um direito legalmente garantido e, portanto, indispensável. É justamente na educação básica que as crianças aprendem a ler e a escrever. Por isso, é importante, nesse processo de aprendizagem, que crianças com TEA frequentem turmas regulares e tenham suportes técnicos e pedagógicos necessários para o seu desenvolvimento. Além disso, o ensino deverá ser proveitoso, ou seja, contribuir para a sua formação e socialização.

No que se refere à alfabetização, para Soares (2020), ela exerce um papel importante na vida dos sujeitos e na construção da cidadania, uma vez que a habilidade de ler e escrever são elementos fundamentais para a efetiva participação na sociedade, na política e na cultura.

Considerando a importância da alfabetização na vida dos sujeitos que convivem em sociedade, e atentando para os desafios enfrentados pelo docente no ensino da leitura e escrita do aluno com TEA, neste estudo tem por objetivo problematizar o que dizem os estudos acerca do trabalho de alfabetização em crianças com autismo. O presente trabalho foi desenvolvido a partir do projeto de trabalho de conclusão de curso (TCC), no curso de Licenciatura plena em Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA) *campus* Abaetetuba-PA.

Diante do exposto, este artigo está organizado em seis seções. A primeira é a introdução, nela retomamos alguns aspectos importantes da história da educação especial e abordamos os conceitos iniciais sobre alfabetização e acerca do Transtorno do Espectro Autista (TEA) a fim de contextualizar o leitor. Na segunda seção é desenvolvida a metodologia, abordam-se os procedimentos adotados no estudo, como o tipo de pesquisa, o tratamento e a análise dos dados coletados. A partir disso, na seção seguinte, analisam-se os conceitos do TEA e as características enquadradas dentro do TEA. Em seguida, apresenta-se a seção de considerações sobre o diagnóstico do TEA, abordando as características que o autismo pode apresentar no sujeito, os níveis de suporte e alguns dos recursos terapêuticos utilizados no acompanhamento do indivíduo com autismo.

Por conseguinte, a seção relacionada às análises sobre a aprendizagem do estudante com TEA na leitura e escrita da língua portuguesa é apresentada. Na referida seção, a partir

Educação especial e alfabetização: Problematização dos estudos sobre alfabetização com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

das análises, investiga-se a relevância da alfabetização na vida do sujeito, particularmente a alfabetização de crianças com TEA. Por fim, as considerações finais com as principais relevâncias do estudo e as indicações de pesquisas futuras são expostas.

Metodologia

Nesta pesquisa, utiliza-se a abordagem qualitativa. “A pesquisa qualitativa [...] trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Deslandes; Gomes; Minayo, 2007, p. 21). Assim, é possível a compreensão abrangente dos aspectos da realidade. Ademais, esta é uma pesquisa bibliográfica, que, segundo Gil (2002, p. 4), “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Neste sentido, foi realizado o levantamento dos dados em fontes acadêmicas confiáveis, como: sites, livros, artigos científicos, leis que asseguram o direito das pessoas com deficiência, revistas e trabalhos de conclusão de curso (TCC).

Para a pesquisa dos materiais, foram empregadas as seguintes palavras-chave: alfabetização; autismo; e alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), resultando aproximadamente em quarenta trabalhos científicos, sendo excluídos aqueles que não se alinhavam com a demarcação do tema proposto sobre o processo de alfabetização de estudantes com TEA. Por sua vez, os trabalhos selecionados foram submetidos a uma análise crítica por meio de fichamento, o que permitiu uma organização sistemática das informações e uma avaliação aprofundada dos conteúdos. A seguir é apresentado algumas fontes de dados utilizados na discussão, descritos no quadro 1:

Quadro 1: Levantamento bibliográfico utilizado na pesquisa

Autor	Título	Ano	Síntese das obras
Santos; Teixeira e Porto.	Alfabetização e letramento: um olhar para o processo de aprendizagem de crianças com Transtorno do espectro autista (TEA)	2021	O presente estudo busca entender a complexidade das manifestações anômalas do TEA. Nesse sentido, compreendendo os processos de alfabetização e letramento como fundamentais na formação do cidadão, investiga-se as principais características do TEA, bem como os métodos mais eficazes para alfabetizar e letrar uma criança com autismo.
Santos; Moares	Práticas pedagógicas na alfabetização: a importância do acompanhamento terapêutico na	2023	O estudo tem como objetivo apresentar novas formas de aprender na Educação Inclusiva de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos anos iniciais, diversidade e pertencimento. Discuti-se, neste artigo, que o processo de alfabetização é, em essência,

	alfabetização de alunos com TEA		poderoso para assegurar interação social e compreensão do mundo. Considerando a alfabetização e as possibilidades de escolarização segundo a singularidade do indivíduo.
Soares	Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e escrever	2020	A obra aborda sobre as experiências da autora acerca da alfabetização e letramento em uma escola pública. A autora expõe que a alfabetização e letramento são processos que devem ocorrer simultaneamente - chamado alfaletrar.
Uzêda.	Educação inclusiva	2023	A obra discute sobre os processos de alfabetização e letramento numa perspectiva inclusiva. Abordando estratégias e cuidados no ensino de pessoas com deficiência, Transtorno do Espectro autista (TEA), altas habilidades/ super dotação.

Fonte: Autoria dos autores, 2025.

Foram elegidas obras sobre o tema TEA, alfabetização e alfabetização de estudantes com TEA, priorizando as fontes selecionadas encontradas em bases de trabalhos científicos do google, google acadêmico e capes, garantindo a relevância com o tema, originalidade e a credibilidade das informações. Para analisar os dados obtidos, foi aplicada a análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (2016). A análise de conteúdo se organiza em polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material, e o tratamento dos dados obtidos e interpretação (Bardin, 2016). A pré-análise “[...] possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos, e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final” (Bardin, 2016, p. 125).

Deste modo, no primeiro momento, realizou-se as buscas dos materiais. Após a seleção dos trabalhos, foram feitas as leituras flutuantes. Nesse contexto, foram lidos os resumos e as seções de introdução dos trabalhos, destacando o que contribuía com a pesquisa. Consequente, passou-se para fase de exploração do material. “Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (Bardin, 2016, p. 131). Sendo assim, foi efetuada uma leitura minuciosa dos materiais e, em seguida, elaborado uma categorização dos dados conforme os objetivos da pesquisa e de acordo com os conteúdos encontrados nos trabalhos, sendo divididos em três categorias: dados que abordam sobre o TEA e outros diagnósticos enquadrados no TEA; considerações sobre o diagnóstico do TEA e aprendizagem do estudante com TEA na leitura e escrita da língua portuguesa.

Na última fase, foi efetuado o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação. “Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (‘falantes’) e válidos” (Bardin, 2016, p. 131). Portanto, analisou-se minuciosamente os dados categorizados. Após isso, esses foram interpretados conforme os objetivos do estudo, tornando a análise significativa e relevante para pesquisa.

Assim, inicialmente, a pesquisa discute sobre o TEA e as características enquadradas dentro do TEA. Para esta discussão, foram selecionados sete trabalhos, sendo livros, TCCs e artigos científicos. Nesta seção, utilizam-se autores, como: Tuchman e Rapin (2009), que compreendem o autismo como uma síndrome, pois há a falta de uma patologia para ser considerada doença; Teodoro, Godinho e Hachimine (2016), os quais destacam que o autismo foi considerado como transtorno global de desenvolvimento somente em 1980, na 3ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais; Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) (APA, 2014), que caracteriza os quadros de transtorno mentais a partir de comportamentos, atividades, ou interesses restritos e repetitivos, e manifestados de acordo com idade e nível de suporte; Cunha (2017), que aponta a tríade de aspectos os quais compreendem o autismo: os comprometimentos na comunicação, as atividades restritivas-repetitivas, e as dificuldades na interação social. Além dos autores supracitados, outros estudiosos, cujas ideias são melhor exploradas ao longo deste artigo, também contribuíram significativamente para o desenvolvimento do estudo.

Em seguida, na seção “Considerações sobre o diagnóstico do TEA”, foram utilizadas cinco obras na discussão: o DSM-5 (APA, 2014), que estabelece os níveis de gravidade do TEA, sendo definidos em três níveis; Souza (2018), que aponta a necessidade das avaliações com profissionais comportamentais para diagnosticar o TEA; Zotesso (2022), Brites (2021) e Bertaglia (2023), que apresentam a musicoterapia, a fonoterapia, e a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) como alguns dos tratamentos mais utilizados no acompanhamento do sujeito com TEA.

Por fim, na seção “Aprendizagem do estudante com TEA na leitura e escrita da língua portuguesa”, as discussões discorreram sobre alfabetização e alfabetização de estudantes com TEA. Dessa maneira, buscou-se materiais que versassem sobre alfabetização e alfabetização de crianças autistas. Sendo assim, foram selecionados onze trabalhos para fomentar a discussão na referida seção: Soares (2020), que aponta a alfabetização e o

letramento como processos complementares fundamentais na vida do sujeito; Souza (2018) aponta os métodos que contribuem na alfabetização de alunos com TEA; Uzêda (2019), que defende o uso de metodologias as quais utilizam o lúdico, como os recursos visuais e o estímulo tátil, em determinados casos na alfabetização de crianças com TEA; entre outros autores que discutem sobre alfabetização e alfabetização de crianças com TEA.

Análise dos resultados

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) e as características enquadradas dentro do TEA

“O termo ‘autismo’ foi mencionado pela primeira vez em 1908, pelo psiquiatra suíço Paul Eugen Bleuler, para descrever pacientes com sintomas que ele julgava serem semelhantes àqueles observados na esquizofrenia” (Liberalesso, 2020, p. 13). Mais tarde, em 1911, Bleuler, em sua monografia intitulada “Demência precoce ou o grupo das esquizofrenias”, considerou o autismo como parte do grupo de psicopatologias, assemelhando-o com a esquizofrenia (Liberalesso, 2020). Leo Kanner, em 1943, no artigo “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, considerado importante nos estudos sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), apresentou resultados de uma pesquisa realizada com 11 crianças que tinham “tendência ao isolamento e desejo pela mesmice” (Liberalesso, 2020, p. 14). Do mesmo modo, em 1944, o pediatra Hans Asperger, no artigo “A Psicopatia Autista da Infância”, realizou estudos com pacientes que apresentavam sintomas parecidos aos citados por Kanner. Entretanto, ele destacou que alguns pacientes tinham interesse intensos e restritos por assuntos específicos (Liberalesso, 2020). Esses foram os primeiros estudos sobre o TEA. A partir dessas pesquisas, foram definidos os sintomas mais evidentes em pessoas com TEA.

Em consonância com Tuchman e Rapin (2009), no DSM-5 (APA, 2014), o TEA também é caracterizado por comportamentos, atividades, ou interesses restritos e repetitivos, que variam em manifestações conforme idade, capacidade, intervenções e apoios atuais. Essa condição causa déficits que afetam a interação social dos indivíduos autistas. Do ponto de vista de Gaiato (2021), o TEA é caracterizado como um transtorno do neurodesenvolvimento, no qual a criança apresenta desafios na comunicação social e demonstra um interesse restrito e estereotipado. Nessa ótica, o TEA é um conjunto de comportamentos agrupados em três aspectos principais: os comprometimentos na comunicação, as atividades restritas-repetitivas, e as dificuldades na interação social (Cunha, 2017). Conforme Tuchman e Rapin

(2009, p. 23), “o autismo é uma síndrome, não uma doença [...], pois, apesar de seu notável fenótipo comportamental, falta-lhe uma etiologia singular ou uma patologia específica”.

Destaca-se que o autismo foi considerado como transtorno global de desenvolvimento (TGD) somente em 1980, na 3ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), no qual foi acrescentada a expressão “TGD”, que se refere a uma categoria de distúrbios de desenvolvimento caracterizados por comportamentos, sendo o autismo um deles (Teodoro; Godinho; Hachimine, 2016).

Na versão antiga do código internacional de doenças (CID), a CID-10, outros transtornos se enquadravam dentro do TGD, como: autismo atípico, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância, síndrome de Asperger, entre outros. Todavia, na versão atual, a CID-11, exceto a síndrome de Rett, todos os outros diagnósticos se encaixam dentro do TEA, tornando as subdivisões relacionadas a prejuízos na linguagem funcional e à deficiência intelectual. Essas mudanças ocorreram com objetivo de facilitar a codificação e diagnósticos para o acesso a serviços de saúde (Paiva Junior, 2022b).

Considerações sobre o diagnóstico do TEA

No que tange ao diagnóstico, o autismo pode ser diagnosticado nos primeiros anos de vida ou durante o progresso da criança. Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) (APA, 2014), os sintomas podem ser identificados a partir dos dois anos de vida da criança, entretanto se os atrasos de desenvolvimento forem graves, podem ser reconhecidos antes dos 12 meses.

Alguns sinais externos podem ajudar no reconhecimento do transtorno, como birras, hiperatividade física, sensibilidade a barulho, apego e manuseio não apropriado de objetos, entre outras características. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é classificado em níveis de gravidade. Esses níveis são considerados de acordo com o suporte necessário e as especificidades da criança com TEA. De acordo com o DSM-5 (APA, 2014), há três níveis de gravidade. Esses níveis são descritos no Quadro 2:

Quadro 2: Níveis de gravidade do TEA segundo o DSM-5

Nível de gravidade	Comunicação social	Comportamentos restritos e repetitivos
Nível 3 “exigindo apoio muito substancial”	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento. Grande limitação em dar início a interações sociais e respostas mínimas a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança, ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.
Nível 2 “exigindo apoio substancial”	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio, e Limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.	Inflexibilidade de comportamento, dificuldade de lidar com a mudança, ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.
Nível 1 “exigindo apoio”	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas.	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividades. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

Fonte: DSM-5, (2014), p. 96.

Para diagnosticar o autismo, são necessárias avaliações realizadas por um grupo de profissionais especialistas em comportamentos, como psicopedagogos, fonoaudiólogos, psicólogos e terapeutas. Além disso, a entrevista com a família é essencial para o diagnóstico. “Nessa avaliação, é necessária uma entrevista com a família e [...] sessões com atividades lúdicas, como: jogos simbólicos, jogos de regras, entre outros, de acordo com a faixa etária da criança, visando ao seu nível de dificuldade” (Souza, 2018, p. 16). Além do diagnóstico, as

avaliações identificam as dificuldades e as habilidades da criança. Após a identificação do TEA por profissionais, é feito o encaminhamento para o tratamento adequado à criança. Portanto, cabe à família, ao notar os sintomas, buscar o diagnóstico o quanto antes, pois o autismo possui “tratamentos”, embora não seja considerado doença.

Um dos tratamentos mais conhecidos é a musicoterapia, que utiliza as melodias a fim de que a criança se comunique e se expresse, para que, posteriormente, ela possa também ter o desenvolvimento emocional e comportamental (Zotesso, 2022). Outro tratamento relevante é a fonoterapia, que proporciona à criança autista melhoras no uso da comunicação em geral. Dessa forma, ela passa a se comunicar verbalmente, consegue iniciar uma conversa e desenvolver habilidades de comunicação (Brites, 2021).

Há também a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), conhecida pela sigla em inglês. Na ABA, os profissionais terapêuticos fazem uma avaliação inicial ampla, com objetivo de identificar os propósitos de intervenção e formular um plano terapêutico personalizado. Dessa maneira, é possível adaptar as terapias às capacidades, interesses, dificuldades e peculiaridade de cada criança (Bertaglia, 2023). Esses são os tratamentos mais conhecidos para crianças com TEA, embora exista outros tratamentos eficazes no desenvolvimento das crianças autistas.

Aprendizagem do estudante com TEA na leitura e escrita da língua portuguesa

Nesta seção, é discutido sobre alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Neste sentido, com a finalidade de fundamentar a discussão a luz de teóricos, foram realizadas buscas por obras de autores relevantes que investigam sobre alfabetização e alfabetização de crianças com TEA. Por essa razão, para a construção desta seção, foram utilizadas onze obras, sendo livros, trabalhos de conclusão de curso (TCC) e revista.

Sendo assim, são citados autores, como: Shuster (2016) e Coelho e Pisoni (2012), que fazem uma reflexão sobre o desenvolvimento humano a partir da perspectiva de Lev Vygotsky. Na mesma linha de raciocínio, Freire (1967) afirma que a alfabetização deve partir do alfabetizando, tendo o educador como colaborador no processo de aprendizagem; Soares (2020) destaca a importância da aprendizagem da leitura e escrita na vida do sujeito para o convívio em sociedade; Santos (2016), Uzêda (2019) e Santos, Teixeira e Porto (2021) discutem sobre estratégias e recursos a serem utilizados na alfabetização da criança com TEA, entre

outros autores que apontam distintas estratégias para o ensino da leitura e escrita de estudantes com autismo.

Embora Vygotsky não tenha criado uma teoria especificamente voltada para a alfabetização, em seus estudos, há o apontamento para a importância da linguagem no desenvolvimento humano, a qual desempenha um papel central na formação dos processos mentais superiores; ela permite a reflexão, a comunicação e a resolução de problema, e é nesse processo que “vai possibilitar à criança aprender, pela interação, um número significativo de palavras, podendo desenvolver um diálogo com os adultos” (Schuster, 2016, p. 11). De acordo com a visão de Vygotsky, o desenvolvimento humano é diretamente conectado à cultura e às sociabilidades.

Sob tal perspectiva, “desenvolvimento e a aprendizagem estão inter-relacionados desde o momento do nascimento, o meio físico ou social influenciam no aprendizado das crianças de modo que chegam às escolas com uma série de conhecimentos adquiridos” (Coelho; Pisoni, 2012, p. 6).

Os conceitos de alfabetização e educação popular, fundamentada na filosofia de Paulo Freire, estão interligados. Quanto à educação popular, o autor defende uma abordagem que vai além da transmissão de conhecimento. Essa abordagem promove conscientização crítica e a participação ativa dos educandos em seu próprio processo de aprendizagem.

O educador exerce um papel fundamental no processo de alfabetização, dialoga com o alfabetizando sobre situações concretas e concede ferramentas com as quais ele se alfabetiza. Nesse sentido, a alfabetização deve ocorrer de maneira natural, partindo do indivíduo que não possui habilidade de ler e escrever, e não como uma imposição ou algo entregue de forma direta, na qual o educador assume apenas o papel de colaborador (Freire, 1967).

[...] A alfabetização é mais do que um simples domínio psicológico e mecânico de técnicas de escrever e ler. É o domínio dessas técnicas, em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação (Freire, 1967, p. 110).

A aprendizagem da leitura e escrita é essencial na vida do sujeito, porque, ao partir da alfabetização, é possível viver e se comunicar na sociedade. Além disso, é a partir da aprendizagem vivenciada na alfabetização que as crianças dão continuidade ao seu processo de ensino em todos os níveis (Soares, 2020). Destaca-se que “a alfabetização não é a

aprendizagem de um código, mas a aprendizagem de um sistema de representação, em que signos (grafemas) representam, não codificam, os sons da fala (os fonemas)” (Soares, 2020, p. 11). A alfabetização e o letramento são processos cognitivos e linguísticos diferentes. Nessa ótica, o ensinamento e o aprender são conceitos distintos um do outro. Entretanto, são considerados processos que acontecem simultaneamente na aprendizagem da criança (Soares, 2020).

A alfabetização de crianças com TEA costuma ser desafiadora devido às características próprias das crianças autistas. Por esse motivo, a aprendizagem da leitura e escrita se torna mais afetada. Destarte, a alfabetização, em alguns casos, demanda mais esforço do educador – que enfrenta diversos obstáculos no decorrer da atuação docente, os quais o precisam ser vencidos para o professor alcançar sucesso em sua prática educativa.

Bohrer (2020, p. 46; 47) destaca que, “[...] os métodos mais utilizados na alfabetização de autistas são o método sintético (alfabetização fônica e silábica) ou o método analítico, aquele que parte do todo, também denominado de método global de alfabetização”. O método fônico é uma estratégia eficaz para ajudar crianças com TEA aprenderem a ler e escrever. Ele funciona ensinando a relação entre os sons das letras, chamados fonemas, e as próprias letras, conhecidas como grafemas, permitindo que crianças com TEA desenvolva a consciência fonológica e facilita o processo de alfabetização, essa estratégia pode ser um diferencial – especialmente para crianças autistas com atraso de linguagem (Paro, 2024).

A aprendizagem de pessoas autistas se baseia em três princípios principais: o uso de recursos visuais, uma abordagem concreta, ou seja, que não utiliza metáforas ou conceitos abstratos. Nesse processo de aprendizagem, é importante usar uma linguagem clara, direta e objetiva, para que a pessoa entenda exatamente o que o professor quer comunicar (Bohrer, 2020).

Para tanto, é produzido o Plano de Desenvolvimento Individualizado (PDI) do estudante, no qual realiza-se a entrevista com os pais ou responsável (is) da criança. A partir dessa diagnose, são elaboradas atividades considerando as características da criança que foram apresentadas nas respostas dos pais ou responsável (is). Nessa diagnose da criança com TEA, busca-se compreender sua história de vida, desde o parto da mãe ao comportamento em casa, rotina diária, sono – se é regular ou não –, seletividade alimentar, seletividade por objetos, cores, pessoas, dentre outros aspectos. Porém, para que seja

realizada essa diagnose com a criança autista, é importante que ela tenha o laudo médico, pois esse documento permite ao professor conhecer mais sobre a criança.

De acordo com Uzêda (2019, p. 48), “para conhecer melhor os comportamentos evidenciados pela criança, faz-se necessário o diálogo com outros profissionais que a acompanham (psicólogos, psicopedagogos, neurologistas, terapeutas ocupacionais, etc.)”. O diálogo com os profissionais que acompanham a criança permite que o professor conheça a fundo como os comportamentos da criança se manifestam e entenda como ela responde aos estímulos do ambiente, assim como sua comunicação e processo de aprendizagem. Com esses saberes, o professor adapta o ambiente e o adequa de acordo com as necessidades da criança com TEA (Santos; Teixeira; Porto, 2021).

Entretanto, é fundamental ressaltar que não se tem um caminho definido para a alfabetização do aluno com TEA, porque cada pessoa com esse transtorno global de desenvolvimento (TGD) apresenta comportamentos diferentes, ou seja, suas especificidades. Além do mais, sabe-se que o autismo afeta diretamente a comunicação social das crianças – esse é um dos obstáculos que precisam ser considerados durante o processo de alfabetização. Por isso, no primeiro contato com a criança, deve-se usar estratégias que estimulem a comunicação, além da necessidade de saber lidar com esse déficit da criança. Para tal feito, pode-se usar o som e a música como meios de comunicação. Apesar disso, precisa-se levar em consideração que há crianças com irritabilidade ao barulho (Santos; Teixeira; Porto, 2021).

Outro ponto diz respeito ao fato de que as pessoas com TEA também podem não gostar de texturas, e isso causa desorganização em função de questões sensoriais. Alguns métodos usados na alfabetização relaciona o uso visual além do verbal. Nesse sentido, os professores utilizam imagens, cartões e pranchas de comunicação, facilitando a compreensão do aluno sobre o que está sendo estudado. Esses métodos são chamados de comunicações alternativas, e são bastante utilizados com crianças com TEA não verbais.

Adequar alfabetização é ter um olhar de escuta. Quando nos deparamos com uma criança autista com problemas na fala, usamos métodos lúdicos para falar com ela; se ela demonstrar problemas de identificação ou nomeação de algumas palavras, imagens, deve-se trabalhar operação mental de identificação de objetos; já quando a criança não guarda informação na memória, vamos enfatizar questão; se não consegue executar planejamento de suas ações, vamos reforçar o planejamento, ou seja, deve ser o que falta cognitivamente na criança, devendo os educadores buscar novas formas para ensinar. Com apenas algumas atividades concretas, a criança não

Educação especial e alfabetização: Problematização dos estudos sobre alfabetização com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

progredirá positivamente, sendo necessárias novas adaptações com lúdico (Santos; Moraes, 2023, p. 100).

Nessa conjuntura, a leitura de histórias e livros em voz alta também contribui para a aprendizagem, pois o desenvolvimento de habilidades envolvidas na alfabetização está associado à exposição a modelos que usam materiais impressos e possibilitam a oportunidade de interagir com outros alunos em torno desses materiais.

“Recursos visuais tendem a chamar atenção das crianças autistas. Muitos estudiosos as consideram pensadoras visuais, o que significa dizer que elas pensam por imagens, em vez de apoiarem o pensamento em palavras” (Uzêda, 2019, p. 49). O estímulo tátil pode ser o melhor meio de aprendizagem para algumas crianças com TEA (Uzêda, 2019). Logo, o docente deve utilizar materiais que a criança possa sentir e consiga identificar, como, por exemplo: as letras do alfabeto em plástico, recortadas em folhas de EVA coloridas ou em tampas de garrafas; imagens de objetos do cotidiano, entre outros materiais. Nesse sentido, o uso do lúdico é um dos fatores principais no percurso da aprendizagem da leitura e escrita de crianças com TEA.

O aspecto lúdico desempenha uma função essencial nas dinâmicas do ensino e da aprendizagem. Aqueles educadores que incorporam o brincar em suas estratégias de ensino proporcionam às crianças oportunidades para exercitar a criatividade, a autonomia, a experimentação, além de fomentar o alcance à aprendizagem significativa (Santos, 2016). “O lúdico possibilita à criança a aprendizagem de forma prazerosa; facilita também o vínculo terapêutico, fundamental para que qualquer processo tenha êxito” (Santos, 2016, p. 18).

Toda criança dentro do espectro autista possui uma rotina que ela está acostumada a seguir diariamente. Sabendo disso, para a aprendizagem da leitura, o professor pode inserir textos na rotina, mas tendo a preocupação em não alterar rapidamente a rotina da criança, algo importante para ela, pois proporciona a previsibilidade ao cotidiano. Isso ajuda a diminuir a ansiedade e facilita o entendimento dos propósitos de cada momento ou tarefa na sala de aula (Uzêda, 2019). Nesse sentido, é válido “[...] construir um calendário com as atividades de cada dia, representadas por imagens e palavras, por exemplo. Ler sobre atividade habituais pode ajudar a criança a interpretar um texto [...]” (Uzêda, 2019, p. 49).

Durante o processo de aprendizagem da leitura e escrita de crianças com TEA, as informações devem ser apresentadas gradualmente, evitando que o acúmulo de informações

deixe a criança confusa. Além disso, Uzêda (2019, p. 50) destaca preferências de informações que devem ser apresentadas:

- Introduzir um conceito por vez com instruções simples e diretas, já que existe uma dificuldade de abstração;
- Avançar gradativamente o grau de complexidade, começando pelo mais simples e mantendo uma ordem lógica;
- Propor atividades menos poluídas visualmente, destacando apenas os elementos essenciais para a compreensão do que está sendo proposto;
- Evitar que em uma mesma folha existam, por exemplo, três exercícios diferentes a serem feitos;
- Ajustar o tempo de realização das atividades ou da leitura ao ritmo da criança e à sua condição de manter o foco atencional. Se necessário, segmentar a tarefa.

Apesar de não haver métodos específicos para alfabetização de estudantes com TEA, há estratégias que podem ser utilizados na intervenção educacional – assim, contribuindo na alfabetização; os mais usuais são: o TEACCH – Tratamento e educação para crianças autistas e com distúrbios correlatos da comunicação; o ABA – Análise aplicada ao comportamento; e o PECS – Sistema de comunicação por troca de figuras. Além disso, o AEE – Atendimento educacional especializado que é uma modalidade de ensino enquadrada na educação especial, também ajuda nesse processo de ensino.

O método TEACCH pode ser usado na reabilitação e na alfabetização de pessoas com autismo que tenham dificuldades na comunicação e no comportamento. Nesse método é realizado avaliações que permitem identificar os pontos forte, áreas de maior interesse e as dificuldades do sujeito com TEA, a partir disso, é criado o programa Individualizado com base nas características do indivíduo (Bohrer, 2020). Esse método se mostra eficaz para o desenvolvimento da reabilitação e alfabetização de crianças com TEA, reduzindo o estresse e promovendo à independência do aluno. Já o método ABA envolve observar o comportamento da criança e ensinar habilidades que ela ainda não possui. Nesse método, o professor atua como um mediador do conhecimento, ensinando de forma individualizada, sempre associando as atividades a uma instrução ou orientação. A estratégia é que a criança realize as tarefas sozinha, promovendo sua independência, mas com apoio sempre que precisar (Souza, 2018).

Com o método PECS, o sujeito com TEA que enfrenta dificuldades na comunicação consegue desenvolver suas habilidades de expressão usando figuras. Esse método permite que crianças com necessidades especiais aprendam a comunicar suas necessidades básicas

Educação especial e alfabetização: Problematização dos estudos sobre alfabetização com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

de forma clara e direta. Ele é especialmente importante nas rotinas do dia a dia, pois ajuda as crianças à expressarem o que precisam, o que pode diminuir a frustração e à ansiedade, criando um ambiente mais seguro e tranquilo para elas (Souza, 2018).

No Atendimento Educacional Especializado (AEE) – uma modalidade de ensino, os professores procuram entender as necessidades específicas de cada aluno. Com base nisso, eles elaboram um plano de atendimento individualizado. O objetivo do AEE é eliminar as barreiras que dificultam o aprendizado do aluno, promovendo sua inclusão tanto na escola quanto na vida social; contribuindo assim, para o desenvolvimento da criança com TEA (Souza, 2018).

A utilização desses métodos citados por Souza (2018), e combinado com o uso de recursos tecnológicos e digitais – chamados de tecnologia assistivas (TA), é uma estratégia que pode ser utilizado no ensino da leitura e escrita de estudantes com TEA, visto que,

O uso de recursos digitais e tecnológicos auxilia no processo de letramento e alfabetização, considerando que alunos com TEA tem experiências concretas devido a sua dificuldade de abstração. A utilização desses recursos mostra-se positiva e exitosa pelo fato de dispor de ferramentas atraentes e estimulantes como cores, sons e jogos, os quais tornam a aprendizagem mais lúdica, interativa e divertida (Bohrer, 2020, p. 46).

É importante, muitas vezes, a combinação de métodos diferentes necessários no processo de alfabetização da criança com TEA, e torna-se imprescindível avaliar qual estratégia ou método funciona melhor para aquela criança em particular. Apostar na formação continuada e na parceria com o professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) é um caminho promissor, porque só assim o educador consegue se atualizar, conhecer, e aprender a manejar novos recursos com os quais não teve contato anteriormente, pois não foram contemplados em sua formação inicial (Uzêda, 2019). Além disso, é crucial firmar a relação entre família e escola a fim de fortalecer a participação ativa dos responsáveis durante o processo de aprendizagem.

Considerações finais

A alfabetização exerce um papel fundamental na vida do sujeito, pois, ao partir da aprendizagem desse sistema de representação, é possível viver e se comunicar na sociedade. Além disso, é por meio da leitura e escrita que outras habilidades educacionais são desenvolvidas. Sendo assim, a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em classes regulares é essencial, além de ser um direito garantido por lei. Entretanto, é

fundamental entender que o processo de alfabetização de crianças com TEA possui sua complexidade, tanto para as crianças quanto para os educadores. Partindo desse contexto, o estudo relatado neste artigo buscou compreender como ocorre a aprendizagem da leitura e escrita da criança com TEA.

Procedendo a esse questionamento, estudos já conduzidos apontam fatores que interferem e dificultam o processo, como a forma de comunicação que o sujeito com TEA pode apresentar, visto que o autismo é caracterizado pelo comprometimento na comunicação e na interação social, além da execução de atividades restritas-repetitivas. Adicionalmente, é necessário destacar que cada sujeito com TEA possui características e especificidades únicas. Nesse sentido, a partir das análises realizadas, podemos perceber a importância do diagnóstico e a inserção precoce desses estudantes na escola. Os estudos recomendam que o docente realize sua própria diagnose sobre o discente, pois isso permite conhecer seu aluno, assim como suas características, habilidades, dificuldades e especificidades. Nessa diagnose, também é realizada a entrevista com os pais ou responsável (is), para conhecer a rotina do aluno em casa. Com base no diagnóstico, o professor tem a possibilidade de desenvolver atividades considerando as particularidades e habilidades do aluno. Os estudos também destacam o sujeito como centro do seu próprio processo de aprendizagem, e o professor como mediador do ensino.

Para o ensino da leitura e escrita de estudantes com TEA, é necessário que o professor tenha uma formação inicial e continuada alinhada aos paradigmas da educação especial, além de utilizar recursos metodológicos que trabalhem com o lúdico, como imagens ilustrativas de objetos, músicas, estímulos táteis, jogos etc. Ao incorporar elementos lúdicos, o professor pode estimular a atenção do aluno e utiliza essa oportunidade para promover o aprendizado. Os estudos destacam estratégias que contribuem na alfabetização de alunos com autismo, sendo eles: TEACCH – Tratamento e educação para crianças autistas e com distúrbios correlatos da comunicação; ABA – Análise do comportamento aplicada; PECS – Sistema de comunicação por troca de figura e a modalidade de ensino AEE - Atendimento educacional especializado.

Ao conduzir a pesquisa e examinar os dados disponíveis, ficou evidente que existem poucos estudos sobre a alfabetização e letramento de crianças com TEA. Essa carência enfatiza a relevância desta investigação e a necessidade de realizar mais pesquisas nessa área.

Educação especial e alfabetização: Problemática dos estudos sobre alfabetização com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Com base nos resultados obtidos, surgiram novos questionamentos para futuras investigações, como: quais metodologias se mostram mais eficazes? Como ocorre a parceria entre família e comunidade escolar no processo de alfabetização de estudantes com TEA? Agora, os questionamentos não se restringem apenas às análises bibliográficas, mas também se voltam para observações *in loco*. Em suma, este estudo destaca a importância da alfabetização na vida das pessoas que fazem parte da sociedade, respeitando e valorizando suas potencialidades.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 4.ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERTAGLIA, Barbara. **Terapia ABA:** uma abordagem para crianças com autismo. São Paulo: Autismo e Realidade, 2023. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2023/06/30/terapia-aba-uma-abordagem-para-criancas-com-autismo/>. Acesso em: 6 nov. 2024.

BOHRER, Karine de A. P. **O ensino personalizado e o protagonismo de uma criança com TEA em processo de alfabetização.** 2024. 124 f. Dissertação (Mestrado profissional em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, 2020. Disponível em: 00002993.pdf. Acesso em: 06 de nov. 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2023**: notas estatísticas. Brasília: Inep, 2024. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrJlJoiN2ViNDBjNDEtMTMoOCooZmFhLWlyZWYtZjI1YjUoNzQzMjJhliwidCI6IjIzjcODk3LWM4YWMtNGlxZSo5NzhmLWVhNGMwNzcoMzRiZiJ9>. Acesso em: 20 ago. 2024

BRITES, Luciana. **Fonoaudiologia e Autismo:** a importância da fonoterapia para o autismo. Londrina: Intituto Neurosaber de Ensino, 2021. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/fonoaudiologia-e-autismo-a-importancia-da-fonoterapia-para-o-tratamento/>. Acesso em: 6 nov. 2024.

COELHO, Luana; PISONI, Silene. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. **Revista e-Ped.** Osório, v. 2, n. 1, p. 144-152, 2012.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão:** psicopedagogia práticas educativas na escola e na família. 7.ed. Rio de Janeiro: WAK, 2017.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GAIATO, Mayra. **Explicando o transtorno do espectro do autismo**. Pinheiros: Instituto Singular, 2021. Disponível em: <https://institutosingular.org/transtorno-do-espectro-do-autismo/>. Acesso em: 29 set. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIBERALESSO, Paulo. **Autismo: compreensão e práticas baseadas em evidências**. 1.ed. Curitiba: Marcos Valentin de Sousa, 2020.

MELO, Sabrina Andrade de; SOARES, Maria Elisabeth Mesquita. Processo de ensino e aprendizagem de crianças autistas: estudo de caso em Goiânia – GO. **Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate**. Goiânia, v. 7, n.1, p. 59-76, 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA (UNESCO). **Declaração de Salamanca e enquadramento da acção na área das necessidades educativas especiais**. Salamanca: UNESCO, 1994. Disponível em: [https://pnl2027.gov.pt/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=1011&fileName=Declaracao_Salamanca.pdf](https://pnl2027.gov.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=1011&fileName=Declaracao_Salamanca.pdf). Acesso em: 27 nov. 2024.

PAIVA JUNIOR, Francisco. O que é Autismo? Saiba a definição do Transtorno do Espectro Autista. **Revista Autismo**. São Paulo, n. 7, v. 15, p. 8-9, dez./fev. 2022. Disponível em: <https://issuu.com/revistaautismo/docs/revistaautismo015>. Acesso em: 20 ago. 2024.

PAIVA JUNIOR, Francisco. Autismo e a nova CID-11. **Revista Autismo**. São Paulo, 2022b, ano 7, n. 15, p. 34-37, dez./fev. 2022. Disponível em: <https://issuu.com/revistaautismo/docs/revistaautismo015>. Acesso em: 20 ago. 2024.

PARO, Sandra. **O método fônico e a estimulação multissensorial no desenvolvimento da leitura para crianças com TEA**. ABAMais inteligência afetiva, 2024. Disponível em: <https://abamais.com/metodo-fonico-estimulacao-multissensorial/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

REIS, Éllen da Silva Rufino dos; WAGNER, Flávia. **Transtorno do espectro autista: trajetórias e desafios na formação do Ensino Fundamental Inclusivo em Santa Catarina**. Ponta Grossa: Atena, 2024.

SANTOS, Simone; TEIXEIRA, Zanaide; PORTO, Marcelo. Alfabetização e letramento: um olhar para o processo de aprendizagem de crianças com o transtorno do espectro autista (TEA). **Revista Linguística**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 316-332, maio/ago. 2021. Disponível em: Alfabetização e letramento: um olhar para o processo de aprendizagem de crianças com o transtorno do espectro autista (TEA) | Revista Linguística. Acesso em: 8 de nov. 2024.

SANTOS, A. C. S. DOS; MORAES, L. C.DE. Práticas pedagógicas na alfabetização: a importância do acompanhamento terapêutico na alfabetização de alunos com TEA. **Linguagem Acadêmica**, Batatais, v. 13, n. 4, p. 93-105, jul/dez. 2023.

SANTOS, Eliane Brito dos. **A ludicidade na educação infantil:** perspectivas a partir de uma escola de lagoa de Dentro/PB. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: EBS25112016.pdf. Acesso em: 6 de nov. 2023.

SOARES, Magda. **Alfaletrar:** toda criança pode aprender a ler e escrever. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2020.

SOUZA, Marcia Daniella Neres de. **Métodos de como alfabetizar a criança com transtorno do espectro autista.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Nossa Senhora Aparecida, Aparecida de Goiânia, 2018.

SCHUSTER, Simone Cristina. **Desenvolvimento infantil em Vygotsky:** contribuições para mediação pedagógica na educação infantil. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2016.

TEODORO, Grazielle Cristina; GODINHO, Maíra Cássia Santos; HACHIMINE, Aparecida Helena Ferreira. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental. **Research, Society and Development.** Vargem Grande Paulista, v. 1, n. 2, p. 127-143, 2016.

TUCHMAN, Roberto; RAPIN, Isabelle. **Autismo:** abordagem neurobiológica. Porto Alegre: Artmed, 2009.

UZÊDA, Sheila de Quadros. **Educação inclusiva.** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30882/1/eBook%20-%20Educacao%20Inclusiva.pdf>. Acesso em: 6 nov.2023.

ZOTESSO, Maria Cristina. **A eficácia da música como recurso terapêutico para pessoas com autismo.** Pinheiros: Instituto Singular, 2022. Disponível em: <https://institutosingular.org/a-eficacia-da-musica-como-recurso-terapeutico-para-pessoas-com-autismo/>. Acesso em: 6 nov. 2023.

Sobre os autores

Ewerton Brendo de Sousa Lopes

Graduando em Pedagogia na Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Abaetetuba.

E-mail: brendosousalopes@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0006-3752-8409>

Olidete de Araújo

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), do Campus Universitário do Tocantins/Cametá (CUNTINS), da Universidade Federal do Pará (UFPA).

E-mail: araujoolidete@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0007-8403-9672>

Rafaele Habib Souza Aquime

Graduada em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Universidade Estácio de Belém. Pós-doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora na Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Abaetetuba.

E-mail: rafaele.habib@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6520-0677>

Recebido em: 10/02/2025

Aceito para publicação em: 22/04/2025